



VIAGENS REAIS E IMAGINADAS: DOIS OLHARES SOBRE A TERRA SANTA

Renata Cristina de Sousa Nascimento ¹
Universidade Federal de Goiás
Universidade Estadual de Goiás
Pontifícia Universidade Católica (PUC- Goiás)

Resumo: Consideradas fontes essenciais para o entendimento do imaginário medieval, narrativas de viagens tem sido bastante exploradas. Neste artigo temos o objetivo de destacar os lugares sagrados da Palestina através do *Itinerário de Benjamin de Tudela* e da fictícia *La Peregrinación de Carlomagno*. Fontes célebres que nos conduzem à Jerusalém dos patriarcas e reis através do viajante judeu, e à Terra Santa dos cristãos, sempre idealizada como berço de relíquias.

Palavras-chave: Viagens; Narrativas; Terra Santa.

REAL AND IMAGINED TRAVELS: TWO VIEWS OF THE HOLY LAND

Abstract: Considered as essential sources for the understanding of the medieval imaginary, travel narratives have been extensively explored. In this article we aim to highlight the sacred places of Palestine through the Benjamin Itinerary of Tudela and the fictional Pilgrimage of Charlemagne. Famous sources that lead us to the Jerusalem of the patriarchs and kings through the Jewish traveler, and to the Holy Land of Christians, always idealized as the cradle of relics.

Keywords: Travels; Narratives; Holly Land.

Introdução

Os relatos de viagens se constituem em um campo rico e inesgotável de análise. Olhares múltiplos sobre regiões diversas tem sido objeto de estudo constante entre os historiadores. Tema recorrente, mas que não perde sua vitalidade, as narrativas de viajantes nos oferecem elementos que podem nos aproximar de regiões longínquas, e a princípio distantes do cotidiano do homem europeu medieval. A confluência cultural, as disputas pela ocupação dos espaços, a miscigenação e o estranhamento, marcaram a vivência entre as populações do Oriente e Ocidente durante toda a Idade Média. Se por um lado as guerras aceleraram este distanciamento, por outro as aproximações foram várias; incentivadas pelas peregrinações e trocas culturais intensas, que garantiam a flexibilidade identitária e a elaboração de novos significados e parâmetros. Os indícios deixados pelo tempo nos apresentam diversas possibilidades interpretativas, que perpassam os fazeres cotidianos dos homens de uma determinada época. Estar na Palestina sagrada, e nas terras vizinhas foi objeto de

¹ E-mail: renatacristinanasc@gmail.com.

desejo de peregrinos, aventureiros e estudiosos ao longo dos séculos. A geografia desta região tornou-se célebre através da Bíblia, sendo a cidade de Jerusalém considerada o centro do mundo. Terras que são mencionadas nas sagradas escrituras também alimentaram a ficção narrativa, especialmente a ideia do Paraíso Terrestre. Este lugar tornou-se arquétipo de felicidade, de plenitude e nostalgia impulsionando uma busca incessante e infinita. “O sonho de um lugar onde, nas origens do mundo, se vivia em estado de beatitude e inocência, mas que depois foi perdido é comum a muitas religiões, e com frequência representa uma antecâmara do Paraíso celeste.”²

Na busca pela sacralidade palpável, lugares e objetos tornaram-se cruciais na rememoração de uma história divina, em que o êxtase espiritual podia ser atingido ainda neste mundo. Para além dos objetivos propriamente religiosos, a obtenção de vantagens comerciais reforçou a escolha pelas rotas que conduziam ao Oriente. Lugar do extraordinário, berço de relíquias, espaço de memória de grandes acontecimentos a Terra Santa foi o destino favorito de muitos viajantes. O contexto inaugurado após a Primeira Cruzada e o cerco cristão a Jerusalém (1099) corroborou com este interesse.

Imagem I- Miniatura do Cerco de Jerusalém



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Primeira_Cruzada#/media/File:Godefroi1099.jpg>.

² ECO, U. **História das Terras e Lugares Lendários**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2013. p. 145

O papel mobilizador das relíquias, ao lado do milenarismo, também impulsionou a busca pelos lugares que emanavam santidade. O resultado da 1ª cruzada em 1099 terá sido entusiasmante e, a partir deste episódio, foram organizadas grandes peregrinações a partir da Europa, diversas pessoas partiram em direção ao Oriente, participando numa viagem, numa passagem.³ Este contexto favoreceu a associação entre peregrinação/ cruzada. O afluxo de homens e mulheres produziu uma série de narrativas, reais ou imaginadas que fomentaram o conhecimento sobre os caminhos, e solidificaram a importância simbólica de cidades como Constantinopla e Jerusalém. Da Europa à Ásia os relatos descreviam cidades, costumes e práticas religiosas que geraram um saber sobre estes espaços. Neste texto nosso objetivo é uma aproximação possível entre dois trajetos; *O Itinerário de Benjamin de Tudela*⁴ e *La Peregrinación de Carlomagno*,⁵ ambos redigidos durante a época das cruzadas; O primeiro refere-se a uma viagem que realmente aconteceu, mesmo que alguns dados apresentados sejam de difícil comprovação; O outro relato é comprovadamente irreal, mas apresenta o imaginário coletivo sobre o Oriente, sendo seu protagonista o imperador Carlos Magno. Dos lugares supostamente visitados vamos nos deter às descrições sobre a Terra Santa. Para Benjamin era um regresso à terra de seus antepassados judeus; Na perspectiva cristã da *Peregrinación* uma região rica em relíquias, região de Cristo e seus apóstolos.

A Viagem de Benjamin de Tudela

Natural do norte da Espanha o rabi Benjamin empreendeu seu itinerário entre a segunda e terceira cruzadas. “... Benjamin ben Ioná de Tudela, um mercador judeu, iniciou suas viagens por volta de 1160 e seu itinerário compreende grande parte do mundo então conhecido.”⁶ Aqui vamos nos deter na primeira parte do

³ COSTA, Paula P. **Peregrinação e Cruzada no contexto da articulação Ocidente/ Oriente (séculos XI- XIII)**. In NASCIMENTO, Renata Cristina de S; SOUZA, Armênia M. Cultura política e poder na Idade Média: Estudos em homenagem ao Dr. José Antônio de Camargo Rodrigues de Souza. Rio de Janeiro: Multifoco, 2018. p. 157- 179.

⁴ **O Itinerário de Benjamin de Tudela**. Organização, tradução e notas de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2017.

⁵ **La Peregrinación de Carlomagno**. Por Isabel de Riquer. Barcelona: El Festín de Esopo, 1984.

⁶ A. ASHER. Introdução. In: **O Itinerário de Benjamin de Tudela**. Organização, tradução e notas de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 24.

relato, da *Hispania* à Palestina. O autor começa o diário delimitando o início de seu périplo; “Eu viajei primeiro de minha cidade natal para a cidade de Saragoça e dali, pelo rio Ebro, para Tortosa. De lá fui, em uma jornada de dois dias, para a antiga cidade de Tarragona com as suas construções ciclópicas e gregas.”⁷ Em Barcelona o autor começa a descrever o número de judeus na cidade, destacando os mais notáveis. Este aspecto é algo comum em todo seu diário de viagem. Em Narbona acrescenta, “dali a Torá (Lei) difundiu-se para todos os países. Sábios, e grandes ilustres homens residem ali. À sua testa encontra-se R. Kalonymos... da semente de David, cuja linhagem está estabelecida.”⁸ Interessante observar que, conforme os estudiosos, personagens judeus citados por Benjamin deixaram vestígios de sua existência e atuação, como é o caso de R. Kalonymos.⁹ Dali entrou no reino francês, visitando as cidades de Béziers, e Montpellier, cidade comercial importante. “De Montpellier são quatro parasangas até Lunel, onde há uma congregação de israelitas, que estuda a lei dia e noite.”¹⁰ Os eruditos judeus presentes na cidade são destacados no texto, e também a ajuda que os estudantes recebiam da comunidade judaica; “os estudantes que vêm de terras distantes para estudar a Lei são ensinados, hospedados, alojados e vestidos pela congregação, durante todo o tempo em que frequentam a casa de estudo.”¹¹ Nesta congregação contou 300 judeus.

⁷ **O Itinerário de Benjamin de Tudela.** Organização, tradução e notas de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 41.

⁸ *Ibidem.* p. 42.

⁹ Segundo o editor do texto: Registros da cidade de Narbona indicam vendas de terras em nome de R. Kalonymos, cujo antepassado R. Machir chegou à Europa no tempo de Carlos Magno. (Ver **O Itinerário de Benjamin de Tudela.** Op. Cit., p. 42.)

¹⁰ **O Itinerário de Benjamin de Tudela.** Op. Cit., p. 44.

¹¹ *Ibidem.* p. 44.

Imagem II- Provável rota de Benjamim de Tudela



Fonte: <<http://spainillustrated.blogspot.com/2012/11/viaje-relato-de-benjamin-de-tudela.html>>.

A solidariedade entre os judeus, segundo o autor, também está presente em Posquières, onde vive o rabi, R. Abraão: “De longe vem gente procurá-lo, a fim de aprender a Lei de seus lábios, e eles encontram repouso em sua casa, e ele lhes ensina. Àqueles que não possuem recursos ele também paga as despesas, pois é muito rico.”¹² Do burgo de Saint Gilles, em que conta 100 judeus o viajante vai a Arles e Marselha, “que é uma cidade de opulentos e doutos cidadãos, possuindo duas congregações com cerca de 300 judeus...eles formam uma grande academia de homens eruditos.”¹³ Este relato é fundamental para o estudo da vivência judaica no Ocidente medieval, oferecendo um levantamento dos habitantes da comunidade, em cada cidade visitada. De navio vai a Gênova, cidade comercial e marítima: “Eles constroem navios que denominam galeras, e efetuam ataques predatórios contra Edom e Ischmael e a terra da Grécia até a Sicília, e trazem de volta para Gênova despojos de todos estes lugares.”¹⁴ De Pisa segue para Luca e de lá para Roma. Roma merece destaque na narrativa: “Numa parte encontra-se a grande igreja, que eles chamam de São Pedro de Roma. O grande palácio de Júlio César também se erguia em Roma. Há muitas estruturas maravilhosas na cidade, diferentes de quaisquer outras no mundo.”¹⁵ O autor incorpora em seu discurso

¹² Ibidem. p. 45.

¹³ Ibidem. p. 46.

¹⁴ Ibidem. p. 47.

¹⁵ Ibidem. p. 49.

fatos fantásticos, relatos que ouviu, ou foram contados por seus antepassados. Também procura na cidade monumentos ou objetos relacionados à história judaica:

Na Igreja de São João de Latrão há duas colunas de bronze tiradas do Templo, trabalho manual do rei Salomão, estando cada coluna gravada como Salomão, o filho de David. Os judeus de Roma disseram-me que em todo ano, no Nono dia de Ab (julho- agosto), encontram as colunas exsudando umidade como água. Há também a caverna em que Tito, o filho de Vespasiano, guardou os vasos do templo que ele trouxe de Jerusalém. Há também uma caverna em uma colina em uma margem do rio Tibre, onde se acham o túmulo dos 10 mártires.¹⁶

Fundada pelo imperador Constantino, a Igreja de Latrão inicialmente chamava-se Basílica de São Salvador, e foi residência papal até o século XIV. Daí sua importância e grandiosidade, tendo destaque no relato de Benjamin. Após passar por Cápua, Sorrento, Nápoles, o viajante vai a Salerno, “onde os cristãos têm uma escola de Medicina”.¹⁷ Visitando cidades do litoral o autor chega finalmente ao porto de Trani, onde se reúnem todos os peregrinos para irem a Jerusalém. Do Ocidente ao Oriente chega-se a Constantinopla; “Riqueza como a de Constantinopla não é de se encontrar no mundo inteiro.”¹⁸ E mais adiante diz:

nenhum judeu vive na cidade, porque eles foram estabelecidos atrás de uma barra do mar. Um braço do mar de Mármora (Mármara) fecha-os por um lado, e eles não tem como sair, exceto pelo mar, quando querem fazer negócios com os habitantes.¹⁹

A forma violenta com que os judeus eram tratados é clara na narrativa; “Pois sua condição é muito baixa e há muito ódio contra eles, que é alimentado pelos curtidores, que despejam sua água suja nas ruas, diante das portas das casas judaicas e sujam o bairro dos judeus. Assim os gregos odeiam os judeus.”²⁰ Muitas pequenas cidades são visitadas, onde são contados o número de judeus que lá viviam.

¹⁶ Ibidem. p. 51- 52.

¹⁷ Ibidem. p. 54.

¹⁸ Ibidem. p. 63.

¹⁹ Idem.

²⁰ Ibidem. p. 65.

Avançando na rota, Benjamin chega a Acre, “é o começo da Terra de Israel, situada junto ao Grande Mar (Mediterrâneo), possui um largo porto para todos os peregrinos que vêm a Jerusalém por navio.”²¹ Seguindo para Haifa localiza, do outro lado, uma montanha, nela visita a caverna de Elias. “No topo da montanha pode-se reconhecer o altar destruído que Elias reparou nos dias de Ahab”²² Conforme I Reis 18: 20- 40, foi no Monte Carmelo que o rei Acab teria reunido os profetas de Baal, que confrontaram-se com o profeta Elias.²³ Neste episódio Iahweh, Deus de Israel teria se manifestado grandiosamente frente aos idólatras, demonstrando sua superioridade. Entrando pela região visitou Cafarnaum e depois Cesaréia, “a Gat dos filisteus, e ali vivem cerca de duzentos judeus e duzentos *cutims* – estes são os judeus de Schorom, que são chamados de samaritanos. A cidade é agradável e bonita e fica junto ao mar.”²⁴ Após algumas aldeias e cidades chegou a Jerusalém. Neste período a cidade santa ainda estava sob a custódia cristã (a cidade foi capturada em 1099 e perdida em 1187). Em seu relato assinala a presença das ordens militares:

A cidade possui também dois edifícios, de um dos quais- o hospital- saem quatrocentos cavaleiros (Cruzados); e no seu interior todos os doentes que aí vêm são alojados e cuidados na vida e na morte. O outro edifício é chamado Templo de Salomão; é o palácio construído por Salomão, o rei de Israel. Trezentos cavaleiros estão lá aquartelados, e saem de lá todos os dias para exercícios militares, além dos que vêm da terra dos francos e de outras partes da Cristandade, por terem assumido a obrigação de servir ali um ano ou dois até seu voto ser cumprido.²⁵

Na Jerusalém cristã, redescobre a cidade de seus antepassados, “em frente a este lugar encontra-se o muro ocidental, que é um dos muros do Santo dos Santos. Este é chamado a Porta da Mercê, e para ali vêm todos os judeus a fim de orar diante do muro do pátio do Templo.”²⁶ Narra a existência ainda dos estábulos mandados construir pelo rei Salomão, e o antigo tanque usado pelos sacerdotes antes de oferecerem seus sacrifícios. “A porta de Iehoschafat leva ao vale de

²¹ Ibidem. p. 71.

²² Idem.

²³ Então Elias disse ao povo: sou o único dos profetas de Iahweh que fiquei, enquanto os profetas de Baal são quatrocentos e cinquenta. (I Reis 18:22).

²⁴ Ibidem. p. 72.

²⁵ Ibidem. p. 74- 75.

²⁶ Ibidem. p. 75.

Iehoschafat, que é o lugar da reunião das nações. Ali está o pilar denominado Mão de Absalão e o sepulcro do rei Uzias.”²⁷ Nas proximidades, assinala, há uma grande fonte chamada Águas de Siloam, nos oferecendo descrição dos hábitos dos moradores da cidade; “O povo de Jerusalém bebe na maior parte água da chuva, que coletam em cisternas em suas casas.”²⁸ O fantástico, lugar comum nas narrativas de viagem, também se faz presente; “... a uma distância de duas parasangas do mar de Sodom fica o Pilar de Sal em que a mulher de Lot foi convertida; as ovelhas lambem – no continuamente, mas depois, ele retoma seu formato original.”²⁹ Outra passagem refere-se às sepulturas de David e Salomão.

Conforme o autor o local exato dos sepulcros não pôde ser identificado, pois este era oculto aos homens. Baseando-se em fontes orais, refere-se a dois trabalhadores que tentando entrar na caverna, depararam-se com as tumbas reais: “Em frente havia uma mesa de ouro e um cetro e uma coroa. Essa era a sepultura do rei David. À esquerda dela, de maneira parecida, achava-se o sepulcro do rei Salomão; depois seguiam-se as tumbas dos reis de Judá, que foram sepultados ali.”³⁰ Ao tentarem entrar na câmara um vento furioso os golpeou e eles ficaram prostrados até a noite; “E soprou um vento com uma voz humana, bradando: levantem-se e saiam deste lugar...Tomados de terror foram procurar o patriarca, e relataram-lhe estas coisas.”³¹

Continuando a história diz que o patriarca inicialmente pensou em entrar no local, mas foi persuadido pelos dois trabalhadores a desistir, dizendo; “Nós não vamos entrar lá, pois o Senhor não deseja mostrá-lo a nenhum homem.”³² Desta forma o patriarca deu ordens para que o local fosse vedado e proibido aos olhos dos homens. Atualmente, apesar das controvérsias históricas e arqueológicas, o túmulo do rei Davi, é atribuído pela tradição junto ao Cenáculo. Na época do relato de Benjamin ele não afirma ter visto a tumba, pelas razões já apresentadas. Estando próximo à cidade de Belém, o viajante depara-se com a tumba de Raquel; “na bifurcação do caminho, encontra-se o pilar do túmulo de Raquel, que é

²⁷ Ibidem. p. 75.

²⁸ Ibidem. p. 78.

²⁹ Idem.

³⁰ Ibidem. p. 79.

³¹ Idem.

³² Ibidem. p. 80.

formado de onze pedras, correspondentes ao número dos filhos de Jacob.”³³ Destaca-se na narrativa o interesse por visitar o sepulcro dos patriarcas e reis. Em Hebron, localiza a Igreja denominada santo Abram, sendo antigamente este lugar local de culto religioso judaico, antes da cidade de Hebron ter sido sucessivamente dominada. Para os judeus, que davam recompensas especiais, os guardiões da caverna ofereciam a possibilidade de visitar tumbas ilustres; “... mas quando chega à terceira caverna vê que há ali seis sepulcros, os de Abraão, Isaac e Jacob, respectivamente em face dos de Sara, Rebeca e Lea...encontra-se lá muitas urnas cheias de ossos de israelitas.”³⁴ Justifica a presença dos ossos próximos às tumbas, dizendo que vários judeus depositavam os restos de seus pais neste local sagrado. Outro local santo é a Igreja de São Samuel de Schiló, na cidade de mesmo nome. Ali os cristãos teriam depositado os ossos do profeta Samuel. Dos locais visitados encontram-se também diversas cidades, com Séforis, Tiberíades, e a várias outras localidades próximas ao Rio Jordão, sempre oferecendo o número de judeus que viviam em cada uma delas. A partir daí viaja a Damasco, terminando seu roteiro pelas Terras de Israel, chamada de Terra Santa, pelos cristãos.

A Lenda da Peregrinação de Carlos Magno

Historicamente o imperador Carlos Magno (742-814)³⁵ nunca foi comprovadamente ao Oriente. Independente deste fato a matéria épica, ou lendária situa a visita do imperador à Constantinopla e Terra Santa, evocando feitos de Carlos e seus companheiros. As Canções de Gesta, compostas em geral entre os séculos XI e XIII situam as façanhas imperiais voltadas à sua atuação bélica, sempre acompanhado dos Doze Pares de Francia.

O zelo dos monges de Saint-Denis relaciona-se diretamente à propaganda com que os capetíngios sustentam sua afirmação de legitimidade... Conta-se que Carlos, o Calvo transportou para Saint-Denis as relíquias da paixão trazidas por Carlos de uma peregrinação à Terra Santa inventada pelos monges de Saint-Denis; aqui, no fim do século XI, compôs-se a canção épica e ao mesmo tempo cômica que tem justamente o título de Peregrinação de Carlos Magno.³⁶

³³ Ibidem. p. 80.

³⁴ Ibidem. p. 81.

³⁵ Calculada de acordo com as informações do cronista Eginardo.

³⁶ FAVIER, Jean. **Carlos Magno**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004. p. 608- 609.

La Peregrinación de Carlomagno possivelmente foi escrita na segunda metade do século XII, não havendo acordo entre os filólogos sobre a data. Trata-se de um relato bastante cômico, em que Carlos acompanhado de seus Doze Pares e de mil cavaleiros teria partido à Constantinopla, passando pela Terra Santa; “com dos propósitos muy concretos: comprobar si Carlomano es o no es más apuesto que el emperador de Constantinopla, sorprendentemente llamado Hugo el Fuerte, y visitar Jerusalén, la tierra de nuestro Señor”.³⁷ A ideia de ir à Constantinopla é gerada pela insatisfação do imperador, após a rainha ter dito no Mosteiro de Saint Denis, diante de toda a corte que o imperador Hugo de Constantinopla era um rei mais altivo que Carlos. “Cuando la reina vio que Carlos estaba tan enfadado se arrepintió mucho y quiso arrojarse a sus pies.”³⁸ Carlos Magno reuniu então seus cavaleiros e partiu para o Oriente, manifestando desejo de passar por Jerusalém. “Quiero ir a adorar la Cruz y el Sepulcro, lo he soñado tres veces y debo ir.”³⁹ Conforme o poema saíram de Francia, deixando para trás a Borgonha, atravessando a Lorena, Baviera e Hungria passaram também por algumas terras de posse dos seljúcidas e dos persas, considerados “aquella gente odiosa”.⁴⁰

Nesta fictícia expedição volta-se ao imaginário medieval, que pretende retratar Carlos Magno como cruzado e peregrino. Após atingir a Grécia, “vieron las colinas y las montañas de românia y cabalgaron hacia la tierra donde Dios recibió martírio; vieron Jerusalén, una antigua ciudad.”⁴¹ Entrando em um mosteiro Carlos e os doze teriam sido confundidos com Cristo e seus apóstolos. “En mi opinión creo que es mismo Dios; El y los doce Apóstoles os vienen a visitar.”⁴² Conforme a fonte o próprio patriarca teria se aproximado do imperador, tendo reconhecido sua nobreza e importância. Aspecto interessante é a construção na narrativa de Carlos como um devoto colecionador de relíquias; tendo o mesmo solicitado ao patriarca: “Si os place, dadme algunas de vuestras santas relíquias, que llevaré a Francia para

³⁷ **La Peregrinación de Carlomagno...** Op. Cit., p. 9.

³⁸ *Ibidem.* p. 35.

³⁹ *Ibidem.* p. 39.

⁴⁰ *Ibidem.* p. 41.

⁴¹ *Idem.*

⁴² *Idem.*

iluminarla”⁴³ Conforme Favier,⁴⁴ a intenção do poema era justificar a presença de tantas relíquias no Mosteiro de Saint Denis. Os vestígios associados à paixão de Cristo recebem destaque especial, sendo doadas pelo patriarca:

Tales relíquias os daré como no las hay mejores bajo el cielo: un trozo del sudário que Jesús tuvo en su cabeza cuando fue puesto y acostado en el sepulcro mientras los judíos lo vigilaban con espadas de acero, al tercer día resucitó tal como lo había predicho y fue a los Apóstoles para alegrarles; tendréis uno de los clavos que tuvo en el pie y la Santa Corona que llevó en la cabeza, y tendréis el cáliz que Él bendijo; os daré gustosamente la escudilla de plata incrustada de oro y piedras preciosas y tendréis el cuchillo con el que Dios comió y algunos cabellos de la barba de San Pedro y de su cabeza.⁴⁵

Ainda segundo a fonte o imperador aceitou as relíquias, reconhecendo seu valor “poderosas son las relíquias y Dios obra por ellas grandes milagros”.⁴⁶ A mobilidade destes despojos sagrados foi fator recorrente em toda Idade Média, assim como as suspeitas de falsificação. No poema anônimo, tem-se a finalidade clara de legitimar as relíquias veneradas no reino da França, sendo estas atribuídas à peregrinação de Carlos Magno.

Imagem III- Carlos como colecionador de relíquias.



Fonte: <<https://www.mitiemisteri.it/leggende-di-carlo-magno/attachment/carlo-magno-pic>>.

⁴³ Idem.

⁴⁴ FAVIER, Jean. Op. Cit.

⁴⁵ **La Peregrinación de Carlomagno...** Op. Cit., p. 46- 47.

⁴⁶ Ibidem. p 47.

Considerações Finais:

Relatos fictícios ou não, a literatura de viagens engloba gêneros bem distintos. Pelos itinerários revelam-se caminhos e desejos, que nos aproximam dos homens de outras épocas. A análise cuidadosa destas fontes reflete a aproximação sempre possível entre história e literatura, entre real e imaginário, entre o concreto e o fantástico. As regiões menos conhecidas do Oriente e a geografia sagrada da Palestina exerceram grande fascinação entre os viajantes, constituindo uma espécie de *topoi*. Estes locais evocam reações emotivas em uma sociedade dominada pelo pensamento simbólico, e por práticas culturais intensas. Um mundo distante, em que os homens tentavam interpretar seus mistérios.

O *Itinerário de Benjamin de Tudela* reúne informações sobre o mundo conhecido, e também sobre as comunidades judaicas existentes no percurso. Testemunho do comércio e das práticas culturais o diário de viagem importa-se com um mundo palpável a uma comunidade específica, e revela de forma indireta seus anseios e dificuldades. Também escrito no século XII, por um anônimo, *La Peregrinación de Carlomagno* reforça a tentativa de idealizar o imperador como rei cristão, colecionador de relíquias e combatente da fé. Imagem de longo alcance, que incorpora e solidifica o mito de Carlos Magno. “Al pasar del estado de guerrero al del peregrino, el Carlos impetuoso y altivo de la penosa escena de Saint-Denis se transforma de repente en un personaje totalmente devoto”.⁴⁷ Apesar de possuírem características e intenções distintas, os dois relatos nos obrigam a um esforço investigativo complexo. Tentativa de compreender diversos olhares sobre uma região marcada pela memória sagrada, singular e incorporada na história divina.

Referências:

ASHER. **Introdução.** In: O Itinerário de Benjamin de Tudela. Organização, tradução e notas de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 23- 30.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus. 2013 (9ª impressão)

BORDONOVE, Georges. **Les Croisades et le Royaume de Jérusalem.** Paris: Pygmalion, 2007.

⁴⁷ LISEANU- POPA, D. La huellas de una peregrinación imaginaria: Carlomagno en Oriente. **Revista de filología románica**, n. 1 (extra), 1991. p. 43.

COSTA, Paula P. Peregrinação e Cruzada no contexto da articulação Ocidente/Oriente (séculos XI- XIII). *In*: NASCIMENTO, Renata Cristina de S; SOUZA, Armênia M. **Cultura política e poder na Idade Média**: Estudos em homenagem ao Dr. José Antônio de Camargo Rodrigues de Souza. Rio de Janeiro: Multifoco, 2018. p. 157-179.

ECO, Umberto. **História das Terras e Lugares Lendários**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2013.

FAVIER, Jean. **Carlos Magno**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

LISEANU- POPA, D. La huellas de una peregrinación imaginaria: Carlomagno en Oriente. **Revista de filología románica**, n. 1 (extra), p. 39-54, 1991.

NASCIMENTO, Renata Cristina de S; FRANÇA, Susani S. L; LIMA, Marcelo Pereira. **Peregrinos e Peregrinação na Idade Média**. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. As Relíquias Cristãs e a Apropriação Simbólica do território. **OP SIS**, Catalão-GO, v. 18, n. 1, p. 142-153, jan./jun. 2018.

O Itinerário de Benjamin de Tudela. Organização, tradução e notas de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2017.

RIQUER, Isabel. **La Peregrinación de Carlomagno**. Barcelona: El Festín de Esopo, 1984.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:
Universidade Federal de Goiás, Campus- Jataí.
Rua Riachuelo, Samuel Graham
CEP: 75800-000 - Jataí, GO – Brasil

Recebido: 20/04/2018
Aprovado: 10/05/2018